



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CAM

NOVE

NINE

Koo Jeong A.

316 230671

NOVE

NINE

Koo Jeong A.

Curadoria | Curator
Isabel Carlos

15 Abril > 3 Julho 2011

CAM – Galeria 1

15 April > 3 July 2010

CAM – Level 1

9 nove/nine
Koo Jeong A.

Catálogo
Catalogue

Nove
Nine
Koo Jeong A.

CAM - Fundação Calouste Gulbenkian
Lisboa 2011

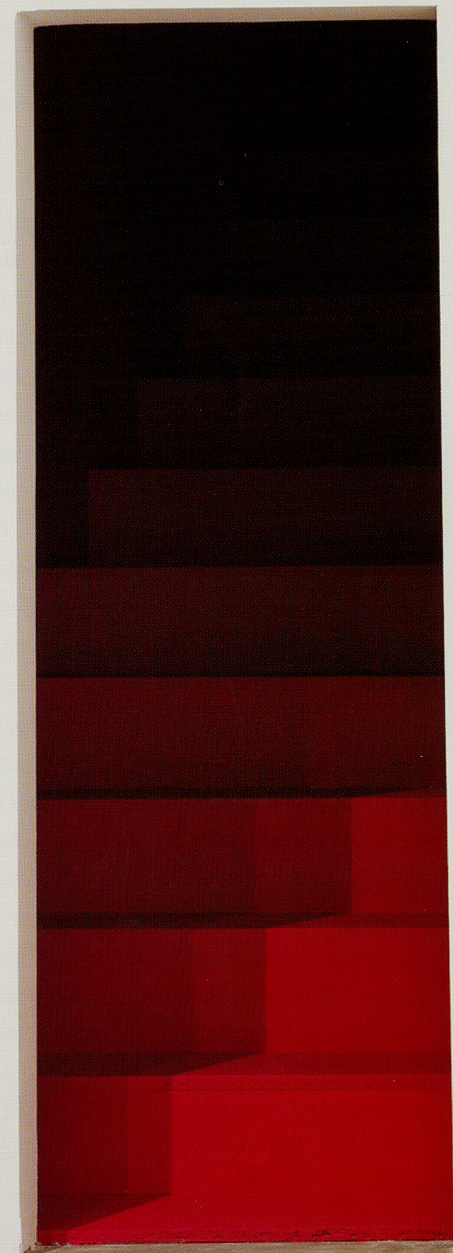
Textos de | Texts by
Cedric Price
Edouard Glissant
Isabel Carlos
Margarida Carvalho

160 pp., 30€



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN
93847
AHP
7922
Biblioteca de Arte

Koo Jeong A. 9. nove | nine, 2011
Col. da artista | Artist's coll.



Nove, noves fora nada

Dado que é a primeira vez que a artista mostra o seu trabalho entre nós, perguntar-se-ão: mas quem é Koo Jeong A. (Seoul, 1967)? Porquê mostrá-la no CAM?

Estas questões são pertinentes não só pelo desconhecimento pontual e geograficamente circunscrito da sua obra, mas porque de facto é uma artista que tem atravessado o mundo da arte contemporânea de um modo tão discreto, quanto inesquecível, para quem chega ao contacto com a sua obra.

Com um percurso internacional invejável – participou em quase todas as bienais, desde Veneza (em 2001 e 2003) a Sydney (2004), passando por Moscovo (2005), ou pela Manifesta em Liubliana (2000); e com exposições individuais em museus de referência como o Moderna Museet, Secession-Viena, Dia-Beacon nos EUA, estando representada em importantes colecções, como a do Musée Georges Pompidou em Paris –, a obra de Koo Jeong A. permanece misteriosa e quase invisível e a razão é tautológica porque precisamente a sua obra é de facto misteriosa e joga na quase invisibilidade, preciosa, como os cristais que espalhou na relva em Veneza e que só um olhar atento, ou avisado, conseguia ver. Daí que os que conhecem a sua obra se sintam como membros de uma seita iniciática e privilegiada.

Ao mostrar a sua obra agora no CAM pretende-se ampliar esse círculo e proporcionar um contacto alargado com este universo tão singular.

Não por acaso, todos os textos escritos sobre a obra de Koo Jeong A. recorrem à poesia ou resvalam para o discurso poético, porque precisamente os seus trabalhos escapam à definição, à objectividade, à qualificação, à narrativa, à nomeação e à interpretação.

No caso de Koo Jeong A., o que se vê é aparentemente quase nada: nove, noves fora nada.

No CAM – no que é uma das maiores exposições da artista – as cinco caixas apresentadas possuem uma identidade que se situa algures entre a escultura e a arquitectura.

Uma arquitectura que é concebida para não ficar, para não perdurar, que é provisória, e que se desfazerá no final da exposição, e, no entanto, quando construídas no museu, estas caixas são presenças absolutas, mônadas de contemplação, refúgios da e dentro da arquitectura do museu. Estas construções funcionam como se fossem abrigos para os visitantes; contudo, estes abrigos não permitem a entrada, nunca se tem o acesso total ao seu interior. Pode-se observar, espreitar, mesmo subir através de escadas, para ver o quê? Uma cor simplesmente, ou um bocado de uma coluna da galeria que agora ganha estatuto de escultura porque enquadrada e emoldurada pela caixa fechada.

«Nove» é o título da exposição e das obras criadas por Koo Jeong A. para a Galeria 1 do CAM. Porquê este número, se as caixas-esculturas que se mostram só são cinco?!

Como seres humanos somos capazes de reconhecer, identificar e nomear quatro dimensões: a linear, a bidimensional, a tridimensional e a quarta dimensão que a ficção científica explora e que será aquela que está fora do espaço e do tempo, na chamada *twilight zone*.

Se num salto de lógica e cruzamento destes dois parágrafos, ou seja, se somarmos as quatro dimensões às cinco caixas de Koo Jeong A. chegamos ao número nove. Esta poderia ser uma explicação para este título mas não é de modo nenhum a única nem provavelmente a mais correcta.

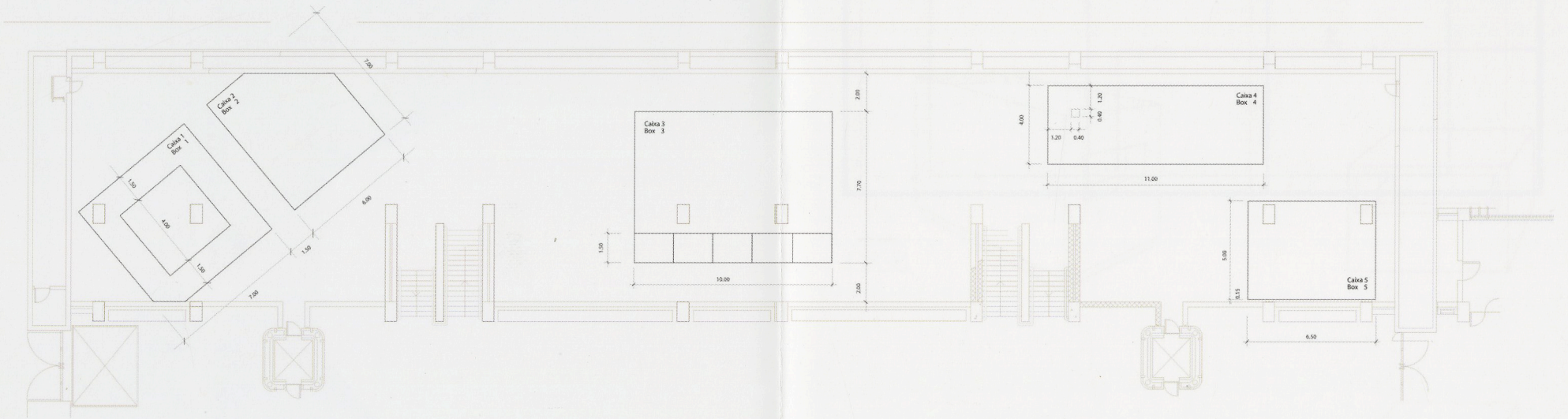
Falando com a artista sobre o porquê do nove, ela avança com uma explicação bem mais complexa e simultaneamente mais simples e sobretudo desarmante: porque alguém disse que existem nove dimensões no universo, apesar de só sermos capazes de conceber e falar de quatro. Neste diálogo introduzi a regra matemática da prova dos nove, muito familiar à minha geração e que consistia em demonstrar, por exemplo, que números como 18, 27, 36, 45, 54, 63... e todos os que somados dão nove ($1+8=9$ ou $2+7=9$) se subtraídos a nove, dão zero. Por esta altura, Koo Jeong A. escrevia números numa folha e novas combinatórias a partir dos números que eu tinha dado como exemplo para explicar a expressão: nove, noves fora nada. O caos comunicacional e matemático instalou-se e simplesmente o número «nove» fixou-se também, como uma entidade que chega e vai ficando, como título da exposição.

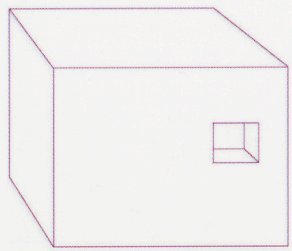
Se conto esta história ou vivência com Koo Jeong A. é porque penso que ela nos pode ajudar a compreender o processo de trabalho da artista coreana que muitas vezes parte de uma palavra, que pode ser mesmo inventada por ela, como por exemplo «ousss», com a qual intitidou vários projectos; ou então parte de uma letra, a «r», para designar uma série de desenhos, ou agora de um número, o nove. A artista faz destas palavras, letras ou números um ponto de partida que impõe com uma assertividade suave e que lhe servem como um *passe-partout* para iniciar o processo criativo, sem por vezes saber ainda onde elas conduzirão ou o que delas resultará.

Isabel Carlos

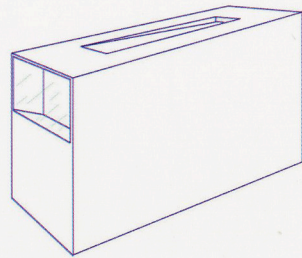






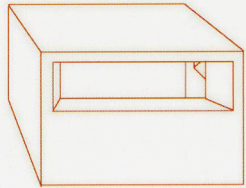


5

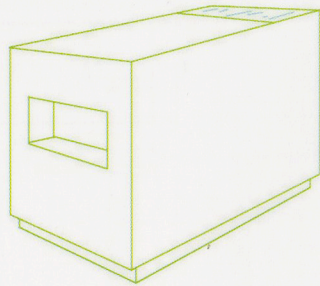


1

glass area

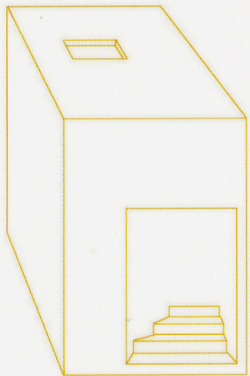


2

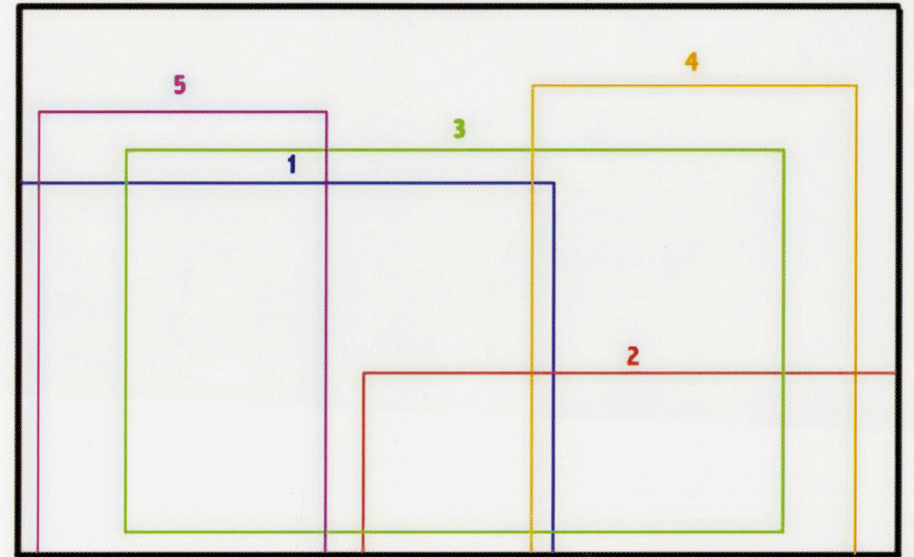


3

glass area



4





Casting out nines

Since it is the first time that her work has been shown here it might be fair to ask: but who is Koo Jeong A. (Seoul, 1967)? Why is her work being exhibited at CAM?

These are pertinent questions not just because of the isolated and geographically limited knowledge of her work but also because she is indeed an artist who has permeated the contemporary art world in a way that is as discreet as it is memorable for anyone who comes into contact with her work.

Despite an enviable international career – she has participated in almost every biennale, from Venice (in 2001 and 2003) to Sydney (2004), as well as Moscow (2005) and the Manifesta of 2000, held in Ljubliana, had solo exhibitions in key galleries such as the Moderna Museet, Secession-Viena, Dia-Beacon in the United States and has works in major collections such as that of the Musée Georges Pompidou in Paris –, the work of Koo Jeong A. remains mysterious and almost invisible and the reason for this is almost tautological because her work itself is in fact mysterious and operates in a near and precious invisibility, like the rhinestones that she scattered on a lawn in Venice, only visible to the attentive or forewarned eye. This is why those who know her work feel as if they are members of a privileged circle of initiates.

By showing her work now, CAM aims to expand this circle and facilitate sustained contact with the very singular universe of this artist.

It is not coincidental that everything that is written about Koo Jeong A.'s work employs poetry or slips into poetic discourse. Her work indeed defies definition, objectivity, classification, narrative, labelling and interpretation.

In the case of Koo Jeong A., what we see is apparently almost nothing: casting out nines. The CAM, in what is one of the most significant exhibitions of the artist's work, the five boxes presented have an identity which lies somewhere between sculpture and architecture.

An architecture which is designed not to remain, not to last, which is temporary, and which will be dismantled at the end of the exhibition and, yet, when constructed inside the gallery, these boxes are absolute presences, monads of contemplation, refuges from and within the architecture of the museum. These constructions function as if they were shelters for visitors; however they are shelters that cannot be entered, one never gains complete access to their interior. One can observe, peep, even climb stairs to see... what exactly? Nothing more than a colour, or a sliver of a gallery column which now appears to be a sculpture since it has been enclosed and framed by the closed box.

"Nine" is the title of the exhibition and the pieces created by Koo Jeong A. for Gallery 1 of CAM. Why this number, given that the exhibition consists of only five sculpture boxes?!

As humans, we are capable of recognizing, identifying and naming four dimensions: the linear, the two-dimensional, the three dimensional and the fourth dimension explored by science fiction, which lies beyond space and time, in the so-called "twilight zone".

If we apply a leap of logic and combine these two paragraphs or if, in other words, we add the four dimensions to Koo Jeong A.'s five boxes, we are left with the number nine. This might be a possible explanation for the title but it is far from the only one and seems unlikely to be the most probable.

In a conversation about the reasoning behind the title "nine", the artist came out with an explanation that is both simpler and more complex. Above all, it is disarming: the reason given was that someone stated that there are nine dimensions in the universe, even though we are only capable of identifying and discussing four. During this dialogue I mentioned the mathematical proof known as the rule of nines, very familiar to my generation, which consists of showing, for example, that numbers such as 18, 27, 36, 45, 54, 63... and all those which add up to nine ($1+8=9$ or $2+7=9$) result in a remainder of zero when nines are subtracted. At this point, Koo Jeong A. wrote numbers on a piece of paper and new combinations based on the two numbers that I had given as examples to explain the expression: casting out nines.

Communicational and mathematical chaos ensued and only the number "nine" remained, like something that appears and establishes itself, as the title of the exhibition.

I recount this story or experience with Koo Jeong A. because I believe that it will help us understand the working process of this Korean artist who frequently begins with a word, which may well be invented by her, such as "ousss" which she has used in the title of various projects; or a letter, an "r", to denote a series of drawings, or, in this case, a number: nine. The artist uses these words, letters or numbers as a starting point which establishes itself with a gentle assertiveness and which serves as a *passe-partout* to unlock the creative process, without her yet knowing where it will take her nor what will result from it.

Isabel Carlos



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CAM

Directora
Director
Isabel Carlos

Curadoria e Gestão da Coleção
Curatorship and Collection Management
Ana Vasconcelos e Melo
Leonor Nazaré
Patrícia Rosas
Rita Fabiana

Arquitectura, Montagem e Grafismo
Architecture, Installation and Design
Cristina Sena da Fonseca
Paulo Santos
Pedro Leitão

Produção
Production
Ana Gomes da Silva
Rita Lopes Ferreira

Arquivo Fotográfico
Photography Archive
Paulo Costa
Teresa Cartaxo

Controlo de Gestão
Accounting
Ivone Santos
Luís Gil

Apoio Administrativo
Administrative Support
Ivone Massapina Pinto
Rosário Lourenço

Museografia
Museography
Carlos Catarino
Carlos Gonçalinho
José Nunes de Oliveira

Educação Artística
Arts Education
Fátima Menezes
Margarida Ramos Vieira
Susana Gomes da Silva

CAM

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisboa | Tel. 21 782 34 74
De terça a domingo das 10 às 18 horas

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisbon | Phone: 21 782 34 74
Tuesdays through Sundays 10 am – 6 pm

PROGRAMA EDUCATIVO

Visitas

ENCONTROS AO FIM DA TARDE

(visitas de 60 min.)
15 Abril (sex.) às 17h00
por Isabel Carlos e Koo Jeong A.
17 Junho (sex.) às 17h00
por Isabel Carlos

DOMINGOS COM ARTE

(visitas de 90 min.)
15 Maio; 29 Maio; 19 Junho (dom.) às 12h00
por Carolina Silva

UMA OBRA DE ARTE À HORA DO ALMOÇO

(visitas de 15 min.)
17 Junho (sex.) às 13h15
por Carolina Silva

CURSOS

Para além do óbvio: alguns aspectos
sobre cultura visual contemporânea
14 e 15 Maio
por Sofia Ponte

Visitas para grupos organizados

Informações | Marcações:
descobrir@gulbenkian.pt
Tel. 21 782 3800
www.descobrir.gulbenkian.pt

The education department provides group gallery talks
in English by appointment
Information | Booking:
descobrir@gulbenkian.pt
Phone 21 782 3800
www.descobrir.gulbenkian.pt

CADERNO DO CAM | CAM BOOKLET

Coordenação e Revisão | Coordinator and Proofreading
Patrícia Rosas

Tradução | Translation

Kennis Translations - Lucy Philips

Design | Graphic Design

Pedro Leitão

Fotografia | Photography

Paulo Costa

Impressão | Printing

Arlindo Silva - Artes gráficas, Lda.

300 exemplares | copies

Depósito Legal | Legal Deposit

325812/11

ISBN: 978-972-635-236-5

Abril 2011 | April 2011

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES
UPCOMING EXHIBITIONS

João Penalva

Trabalhos com Imagem e Texto

Works with Image and Text

22.07.2011 > 09.10.2011

Doris Salcedo

Plegaria Muda

Silent Prayer

11.11.2011 > 22.01.2012

Paisagem na Colecção do CAM

Landscape in the CAM Collection

11.11.2011 > 22.01.2012

VISITE A COLECÇÃO DO **CAM** EM
EXPLORE **CAM'S** COLLECTION AT

www.cam.gulbenkian.pt

CAM2011